

ENSINO, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E PROCESSOS DE LETRAMENTO NA CIBERCULTURA

Débora Cristina Santos e Silva

Doutora em Teoria Literária (UNESP). Pós-Doutora em Literatura e Hipermedia (UFP/Porto). Professora do Curso de Letras do CCSEH. Docente do PPG-IELT/UEG. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG

Resumo: Este artigo apresenta os resultados finais de um projeto que propôs o estudo dos processos de leitura e escrita em hipermídias, focalizando as práticas de letramento na sociedade contemporânea. Sendo assim, a pesquisa buscou investigar como se processam a criação artística e a fruição do texto literário, em suas multimodalidades, nos variados e complexos processos de produção e recepção da arte e da literatura em hipermídia. Promoveu também discussões sobre os princípios teóricos e metodológicos da Educação Estética, com vistas a ampliar as possibilidades de práticas interdisciplinares de ensino de literatura e artes na escola, na promoção da reflexão teórica e da mediação pedagógica. Concentrou-se, portanto, no estudo dos processos de ensino e aprendizagem em hipermídias, cujos eventos de intercâmbio sociocultural contemplam ricas experiências de interação de linguagens e convergência de mídias, explorando as possibilidades de práticas interdisciplinares de ensino, nos âmbitos da reflexão teórica e da mediação pedagógica. Integra-se ao Grupo de Pesquisa ARGUS - Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento (Diretório de GP/CNPq), por nós coordenado, que tem como objetivo viabilizar o desenvolvimento de pesquisas dos professores e alunos da UEG e instituições parceiras. Desta forma, o projeto articula as áreas da Educação e da Linguagem, transversalizadas pelas Tecnologias, entendidas não somente como “artefatos tecnológicos”, mas enquanto constructos socioculturais que favorecem novos processos de interação e intermediação do saber nos meandros da Cibercultura emergente. Busca, desta forma, preparar graduandos e pós-graduandos de Letras e Pedagogia, além de professores e pesquisadores de áreas afins, para as novas demandas educacionais, em ambientes formais e não formais de aprendizagem, dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Cibercultura. Educação estética. Processos de letramento.

Introdução

O advento da cibernética, especialmente com a popularização do Computador Pessoal e da Internet, durante a segunda metade do século XX, expandiu as possibilidades de produção cultural e, de maneira mais específica, da Literatura, inaugurando uma modalidade de produção literária digital, chamada pelos críticos de Ciberliteratura. (BARBOSA, 1996, 1998, 2006)

Efetivamente, as modalidades de texto literário se multiplicaram e se modificaram na hipermídia, gerando uma complexa e imbricada rede de produções híbridas que abrigam múltiplas linguagens e mídias, e exigem uma considerável instrumentalidade do leitor. Desta forma, é preciso habilitar o jovem leitor para essa nova realidade, uma vez que mobilidade, a sincronia e a interatividade do hipertexto intensificaram em muito a experiência de leitura e

exigem do leitor muitas e diferentes habilidades de interpretação e expressão. Isso por que o delineamento entre textos e elementos que compõem o jogo elocucional discursivo deixou de ser percebido como demarcações claras, uma vez que os textos digitais ganharam traços de liquidez, sendo muito voláteis e transitórios. Assim, como uma componente discursiva a ser ainda desvendada, a materialidade do texto, em versão eletrônica, aponta para a construção de novas práticas e posturas frente ao processo interacional leitor-texto, como consequência de todo um acontecimento elaborado socialmente.

É exatamente o propósito de entender a mediação que, de certa forma, conduz à construção de sentidos do texto literário e da produção em artes, que nos provoca a constantes ações de pesquisa com o fim de alcançar o entendimento acerca de como o leitor se encontra nessas novas e atuais circunstâncias de construção sociocultural de leitura.

No intuito de promover discussões teóricas que fomentassem, no contexto aqui esboçado, uma pesquisa de natureza prática no cotidiano escolar, iniciamos um projeto de pesquisa intitulado *Ensino, Educação Estética e Processos de Letramento na Cibercultura*, que agrupou quatro subprojetos com alunos bolsistas e voluntários da graduação de Letras e do mestrado interdisciplinar (PPG-IELT), constituindo o Grupo de Pesquisa ARGUS.

Desta forma, a pesquisa buscou alcançar os seguintes objetivos: a) Investigar as possibilidades metodológicas de leitura de poesia na Educação Básica, tendo em vista a produção de web-poetas contemporâneos, em suporte eletrônico; b) Explorar o uso do blog para o desenvolvimento de atividades pedagógicas em oficinas de escrita criativa, artes e ciberliteratura; c) Criar estratégias metodológicas com vistas à promoção da Educação Estética, por meio da interatividade e da produção colaborativa; d) Viabilizar a produção de material didático-pedagógico para utilização dos professores da rede pública de ensino.

O trabalho, realizado em três escolas-campo do município de Anápolis, configurou-se numa pesquisa de natureza mista (posto que também de caráter extensionista), uma vez que permitiu a atuação efetiva da Universidade no espaço escolar (Escola SESI/Jaiara e EJA Elis Chadud) e na comunidade Anapolina (Centro de Triagem da Missão Vida), em ações de intervenção pedagógica.

Apresentamos neste artigo, por economia de meios, em razão do espaço restrito de um texto dessa natureza, parte dos resultados alcançados na pesquisa de campo, com as devidas reflexões deles decorrentes.

Referencial Teórico

A experiência de trabalhar com práticas de leitura e escrita criativa no ciberespaço nos levou a relevantes reflexões sobre as atuais Tecnologias de Informação e Comunicação que atuam de forma muito marcante na sociedade moderna, engendrando novas relações entre leitor, autor e texto, e novas experiências de leitura e criação literária. Nesse cenário de crescente expansão das TIC, em que as informações estão distribuídas por toda parte, em suportes e signos diversos, com novas configurações, novos propósitos, torna-se evidente a necessidade de se desenvolver diversas atividades humanas – entre elas leitura e escrita – no espaço digital, além de se compreender como esse espaço é formado e como pode ser utilizado por todas as camadas da sociedade.

Nesse espaço, destaca-se a presença dos jovens, identificados hoje como “nativos digitais” por Marc Prensky (2001, p. 1), visto que “os jogos de computador, e-mail, Internet, telefones celulares e mensagens instantâneas são parte integrante de suas vidas”. Efetivamente, o uso das tecnologias digitais tem sido uma questão imperativa na vida da juventude atualmente, posto que estudam, conversam, trocam mensagens, combinam encontros e passeios, namoram e discutem, de forma que, de acordo com Peixoto (2008, p. 27), “poderia se levantar (sic) a hipótese que os jovens estão inventando uma nova cultura digital, com códigos específicos”.

Dessa forma, aproveitando que os jovens têm mais capacidade de adequação às mudanças em relação às TIC, visto que estão crescendo naturalmente nessa “era dos pixels”, torna-se imprescindível que os professores adotem métodos novos para o ensino, até mesmo para tornar as aulas mais interessantes a seu público. As aulas de literatura, por exemplo, podem se tornar mais atraentes, com a possibilidade de acesso a blogs de escritores, pelos quais o aluno é inserido num espaço novo e moderno e com o poder de ler, reler, ver, entender, brincar com os textos e até de criar seus próprios textos, utilizando recursos midiáticos, permitindo-lhe também criar seu próprio blog.

Tais possibilidades fazem do blog uma ferramenta interessante de aprendizagem e um espaço importante de interatividade. Nesse contexto, ressalta-se a relevância da Ciberliteratura, também denominada literatura algorítmica, generativa ou virtual, uma vez que engloba textos literários cuja construção se assenta em procedimentos informáticos – combinatórios, multimidiáticos e/ou interativos – bastante atrativos ao jovem leitor. Por

meio desses recursos, o ensino de literatura no ciberespaço torna-se muito mais dinâmico e produtivo.

Além do mais, não é novidade que, a todo momento, estamos vivenciando experiências com a escrita em cartazes, revistas, panfletos, outdoors, faixas, jornais, anúncios em supermercados, em ônibus e lojas em geral, em chats, blogs, entre outros. No ciberespaço, o jovem tem possibilidade de interação constante com formas variadas de leitura e escrita em suas práticas comunicativas. Esse uso constante e espontâneo de ferramentas e suportes digitais pode levar a juventude a capacitar-se, cada vez mais, na produção de uma comunicação eficiente, eficaz e adequada, principalmente devido à facilidade de acesso, vista hoje, de forma gradativa, em todos os centros urbanos.

Com a praticidade de conexão à Internet em qualquer lugar, a comunicação torna-se prática, rápida e eficiente. Nesse sentido, Carvalho (2006, p. 173), ressalta que a Internet não é apenas uma rede de técnicas como *hardware* e *software*, mas “uma rede sócio-técnica, ou [...] um enredamento indissociável de ciência, tecnologia e sociedade”. Por isso mesmo, vem impondo uma série de transformações nos hábitos das pessoas na sociedade atual. Já se modificam os comportamentos de compras, de investimentos, de estudos e entretenimento por conta dessa extensa rede digital. E é essa característica de profunda modificação dos comportamentos individuais e coletivos que configura a emergente Cibercultura.

No mesmo ritmo de transformações, uma confluência de novas modalidades textuais de natureza multissemiótica gera uma infinidade de gêneros textuais híbridos e diversificados que podem ser encontrados em sites interativos, nos quais o leitor/autor “descobre” textos e constrói sentidos a partir de ferramentas disponíveis de busca, de composição, de interação e de autoria coletiva.

A literatura também se ressentida dessas mudanças e se reconfigura aos novos tempos com as diversas modalidades de textos digitais. Um exemplo claro se encontra no poema *Reflexões no vazio*, de Martha C. C. Gabriel¹, disponível no site da autora, em que o leitor é induzido a percorrer, no vazio, certa busca; aos poucos, ao deslizar o *mouse* sobre tela, palavras vão clareando sentidos, apontando entendimentos sobre o “vazio” de um “eco” “oco” – sentidos construídos pela liberdade do que ali se encontra disponível. No escuro da tela, é a luminosidade de estrelas que instiga o leitor à busca; a descoberta das palavras antes escondidas se evidencia por um barulho, em certo sentido, estridente, que dá a medida certa

¹ Disponível em: <<http://www.martha.com.br/poesias/reflexoes/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

de um aglomerado de estrelas, como se a reflexão do vazio pudesse ser proveniente realmente de palavras.

O poder criativo se evidencia igualmente no site de Ciber&Poesia, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski², em que há, como possibilidade de interação do leitor e do texto, vários caminhos para o conhecimento de poesia concreta e ciberpoesia. Na poesia visual, a ferramenta de mediação que o leitor possui para a efetivação do processo interacional é o próprio *mouse*; já na ciberpoesia, ritmo, som, movimento, jogos de palavras, intertextualidade, rima, ludicidade dão o contorno para a construção de sentido pretendido ou não. Tudo depende da forma como o leitor vê, entende, percebe, sente, interage com o texto. Como uma brincadeira, o leitor constrói texto, apreende ritmo, percebe a construção das palavras a partir de valores semânticos.

Outro exemplo que demonstra as potencialidades do texto eletrônico em exercícios de “escrileitura” (BARBOSA, 2006) é a experiência de (re)criação que se possibilita ao utente/leitor nas (re)leituras intertextuais e generativas dos poemas combinatórios do blog *Poemário*³, concebido pelo web-poeta português Rui Torres e programado por Nuno Ferreira. Esse espaço criativo dispõe de uma lista de motores poéticos, disponíveis à interação do “escrileitor”, que pode manipulá-los, por meio do *mouse*, apenas clicando sobre palavras do poema, que são alteradas a cada *clik*, numa seleção de vocábulos pré-estabelecida pelo autor, no nível paradigmático do texto. Essa seleção vocabular estratégica, feita pelo leitor, desencadeia novos significados no nível sintagmático do texto, gerando, assim, outro texto. Após “criar” seu próprio poema, o usuário pode postá-lo no blog, apenas clicando no ícone @ e colocando seu nome (verdadeiro ou não), assumindo, assim, uma nova autoria.

Desta forma, o leitor/autor integra a galeria de novos leitores/criadores que, em (co)operação com os criadores do blog, constroem seus poemas. O mais interessante de tudo isso é que os próprios motores poéticos já são recriações de outros textos “originais”, o que gera, numa linha de montagem *ad infinitum*, um permanente diálogo inter-intra-textual, como o que se dá nos poemas de *Amor de Clarice*, releituras feitas por Rui Torres do discurso

² Disponível em: <<http://www.ciberpoesia.com.br/index2.htm>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

³ Disponível em: <<http://www.telepoesis.net/poemario>>. O *Poemário* é uma aplicação programada em Actionscript 3.0 que permite a qualquer utilizador construir textos (poemas, narrativas, cartas etc) seguindo procedimentos combinatórios. De domínio público, o blog pode ser largamente utilizado por alunos e professores, em laboratórios de informática, nas escolas, ou mesmo em casa.

narrativo do conto *Amor*, de Clarice Lispector. A experiência se amplia e se enriquece, ainda, com recursos de interação de mídias, a exemplo dos efeitos cinéticos e audiovisuais que integram as recriações multimídia.

Desta forma, se no texto impresso, as características que norteiam a linguagem poética ganham dimensão expressiva pela constituição das palavras, pela composição do texto, pelo preenchimento ou não dos brancos do suporte impresso; no texto digital, diferentes linguagens interagem para a potencialização da construção do poder discursivo. Isso é feito, na materialidade digital, a partir da brincadeira, do movimento. Contato mediado pelo teclado e pelo *mouse*.

Efetivamente, as múltiplas linguagens, o movimento real de um corpo que interage porque clica, arrasta, seleciona, recorta, recomeça, faz do texto eletrônico uma possibilidade de interpretação múltipla, a qual não requer tempo de amadurecimento para isso. Resultante de uma realidade em constante e rápida transformação, em que sentidos são instigados e construídos, a todo momento, por todos os lados, o texto digital visa, em função disso, um público inquietante.

Do poder semântico construído em movimentos que se evidenciam na composição do texto por uma ocupação espacial na materialidade do impresso, por estratégias discursivas as quais promovem, dentre outras características, a visibilidade, o ritmo, a ludicidade do poema, novos contornos reforçam a tentativa de apreensão de um leitor que lida literalmente, ao mesmo tempo, com imagem, som, movimento, ritmo, concentração. Presente, passado e futuro dão tonalidades e apontam a necessidade de entender, a partir de práticas reais, como tem sido a recepção do leitor a esses textos.

Metodologia

Para alcançar os objetivos do projeto global, contemplando igualmente os quatro subprojetos específicos, a pesquisa dividiu-se em duas grandes etapas: a) Seleção, leitura e discussão da bibliografia básica para definir o enquadramento teórico necessário às intervenções pedagógicas; b) Planejamento e execução das oficinas de cinema, produção artística e escrita criativa nas escolas-campo de Anápolis-GO.

No primeiro semestre da pesquisa (2015/2), procedemos ao levantamento teórico-metodológico pela consulta aos acervos livros, periódicos especializados, de anais de eventos, bancos de dados, acervos etnográficos, entre outras fontes e suportes que contemplam o

escopo do estudo, no intuito de favorecer o pensamento artístico e a apreciação estética no ensino de arte. Nessa etapa, definiu-se inicialmente como enquadramento teórico, os seguintes tópicos conceituais: Modernidade líquida (Zigmunt Bauman); Sujeito “pós-moderno” e Identidades (Stuart Hall, Hall Foster); Cibercultura (Pierre Lévy, André Lemos, Francisco Rüdiger, Douglas Kellner), Paradigma da Complexidade (Edgar Morin), Diversidade Cultural (Garcia Canclini, Renato Ortiz, Vera Candau), Multiletramentos (Roxane Rojo, Xavier e Marcuschi), Ensino de Literatura e Artes (Vincent Jouve, Ana Maria Dalvi, Rildo Cosson), Ensino de Artes e multiculturalismo (Ana Mae Barbosa, Lilian Amaral, Lucia Pimentel, Fernando Hernández).

No segundo (2016/1), já na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas oficinas de produção artística e escrita criativa com o uso de ferramentas multimodais e multissemióticas, buscando refletir como as tecnologias digitais podem favorecer o pensamento artístico e a apreciação estética no ensino de literatura. Como escolas-campo das oficinas realizadas neste semestre, foram selecionados a Escola SESI/Jaiara, o Centro de Educação de Jovens e Adultos Elias Chadud (EJA) e Missão Vida (entidade filantrópica que tem a missão de recuperar e reintegrar à sociedade aqueles que se encontram em situação de mendicância e dependência química), todas situadas na cidade de Anápolis/GO.

As oficinas foram desenvolvidas com o intuito de aumentar a compreensão/interpretação textual e apurar o senso crítico dos alunos para efetuar leituras a partir da análise de gêneros multimodais e favorecer o pensamento artístico e a apreciação estética, por meio da elaboração de criações digitais, a exemplo de fotomontagens, videopoesia e narrativas digitais, além de filmes (Cine Clube).

No âmbito dessas ações de intervenção na escola, tem-se desenvolvido a mediação pedagógica através de atividades de criação de arte e poesia digital com motores textuais no blog **Poemário**, de Rui Torres, web-poeta português (<http://telepoesis.net/poemario>); no blog **Pensando Ciberliteratura** (<http://pensandociberliteratura.blogspot.com.br>), criado pelo Grupo ARGUS; atividades de leitura, interação e recriação no site do web-poeta português Antero de Alda (www.anterodealda.com), além das **Missões Pedagógicas** - oficinas de experiências transtéticas na Missão Vida, com a leitura de filmes e produção de narrativas autobiográficas em Diários pessoais, elaborados pelos internos.

Resultados e Discussões

Muito enriquecedora se mostrou nossa experiência de ensino, fruição e produção criativa de arte e literatura por meio de oficinas de criação com as mais diversas mídias (como o Cinema e a Internet) e os diferentes gêneros, a exemplo dos filmes, vídeos e pinturas de artistas e do blog - enquanto *ciberlugar* de interação e construção compartilhada de leitura e escrita. Durante os encontros nas escolas-campo SESI-Jaiara e EJA Elias Chadud, os “blogueiros” foram confrontados com obras contemporâneas, pensadas para o ambiente digital, a exemplo do blog de Antero de Alda (<http://anterodealda.com>) e o Poemário, de Rui Torres (www.telepoesis.net/poemario). Após leituras e reflexões dos textos lidos e fruídos, abriam-se discussões sobre os seguintes aspectos: linguagens (sonora, visual, verbal, cinética, etc), estruturas (sintática, semântica, espacial, temporal), suporte (mídias convergentes), gêneros textuais (com a noção de hibridismo), mensagem (temática, intencionalidade do emissor, percepção, recepção, etc), impressões, sensações e reações do leitor diante da tela.

Logo após a fruição dos textos dos autores escolhidos pelo grupo, com a necessária discussão, os estudantes eram convidados a produzirem releituras de textos poéticos, de notícias de jornais eletrônicos, de poemas digitais, de telas (Picasso, Frida Khalo e Mondrian) e anúncios. Os textos foram publicados no blog criado para este fim (<http://pensandociberliteratura.blogspot.com>) pelo GP ARGUS e, desta forma, passaram a ter circulação social e oportunizaram a troca de experiências entre os autores e leitores.

Sistematicamente, oportunizou-se a leitura de blogs de autores novos e outros nem tanto, mas que continuam produzindo. Encorajou-se também que os alunos expusessem produções em meio digital que tivessem sido realizadas anteriormente às oficinas. As experiências anteriores dos alunos, enquanto autores e leitores, tornaram-se mais um espaço de enriquecimento da vivência on-line e de valorização da produção já existente. Muitos alunos compartilharam seus blogs pessoais, apresentando seus textos e comentando os dos outros. Para alguns, esta teria sido uma primeira experiência de produção de poesia, uma vez que o texto poético é tão pouco explorado nas aulas ordinárias de literatura na escola. Segundo os próprios alunos testemunharam: “Fazer poesia é muito difícil!” Com essa experiência, todos perceberam que: “Não é porque é difícil, que não é possível! Muitos realizaram ali seu primeiro poema. E gostaram da experiência.

Com efeito, as oficinas obtiveram um resultado positivo quanto à interação dos estudantes com os textos oferecidos. A leitura de poemas em suportes digitais suscitaram

questionamentos sociais, filosóficos, literários e estéticos. Perguntas do tipo: “Isso é um poema?” se tornaram frequentes, levando-nos a discussões interessantes sobre a interação de linguagens e a convergência de mídias na composição de gêneros híbridos nas produções intermídia, conforme Pellanda (2003).

Ademais, o contato com a ciberliteratura oportunizou a percepção de que os meios digitais podem ser um ambiente de produção artística e literária de qualidade. Além disso, as falas dos alunos se voltaram para a ideia de que eles também poderiam fazer o mesmo uso que os autores lidos faziam dos recursos disponíveis na Internet. Contatamos também que não houve resistência à escrita e a leitura na tela. Pelo contrário, os alunos demonstraram satisfação por realizarem atividades nos computadores via Internet.

Os momentos de escrita on-line, empregando o blog *Pensando Ciberliteratura* foram muito criativos. Era perceptível a satisfação em ver os textos publicados e acessados pelo restante do grupo e por outros integrantes da comunidade escolar. Ser lido foi uma experiência inédita para muitos estudantes. Foi observada também a preferência por textos curtos, a exemplo de contos e crônicas, como também textos informativos extremamente sintéticos.

Desta forma, percebemos que uma educação estética não mecanizada, ou tecnicista, acabou por se realizar durante a fruição dos poemas e das produções dos alunos. Despertou-se o sentimento de autoria em relação ao texto, além de percebê-lo como grande oportunidade de expressão de ideias, sentimentos e sensações. Nos debates finais, os depoimentos demonstravam a seguinte percepção por parte dos alunos: “Somos capazes de produzir textos literários. Há escritores interessantes na época em que vivemos. Na Internet, podem-se encontrar textos e imagens inteligentes também”.

A primeira oficina no Centro de Triagem da Missão Vida teve como objetivo discutir temas transversais, como conflitos de identidade e de questões sociais e raciais. Para fomentar essa discussão, foi projetado o filme *Escritores da Liberdade* (Freedom Writers, EUA, 2007), dirigido por Richard La Gravenese, na sala de vídeo do Centro. Procuramos recriar o ambiente da sala de cinema, servindo, para isso, saquinhos de pipoca e guaraná. Os internos apreciaram muito esse momento, que foi também uma oportunidade de entretenimento para o grupo.

A história do filme se passa em uma escola de Ensino Fundamental, de uma pequena cidade dos Estados Unidos. A escola, destinada a alunos de classe média, passa a receber alunos pobres, marginalizados pelo fato de serem delinquentes juvenis (alguns

possuíam tornozeleira eletrônica) e ex-internos de centros de reeducação. A maioria deles negros e divididos em gangues. Procurando ressaltar as particularidades de cada indivíduo, uma professora novata na escola, a Srta Gruwell, procura desmembrar essas gangues. Para isso, a professora entrega para os alunos um caderno que seria uma espécie de Diário pessoal, no qual os alunos deveriam escrever sobre suas histórias do passado e do presente, e fazer planos para o futuro. O resultado dessa experiência foi a produção do livro *Escritores da Liberdade*, editado pelos próprios alunos e, o mais importante, o resgate da vida desses alunos! Isso por si só justificou a produção posterior do filme.

Após a sessão de cinema, fizemos uma breve discussão sobre as impressões deixadas pelo filme. O impacto foi grande nos internos! Pelos comentários, pudemos perceber o quanto eles se sentiam sozinhos, sem apoio, desmotivados a ajudar uns aos outros e sem perspectiva para o futuro. Por fim, foram entregues os cadernos para a produção das narrativas autobiográficas: um espaço textual em que pudessem ser registradas suas memórias e reflexões sobre aspectos determinantes de suas vidas, desde conflitos internos até problemas familiares e sociais. O caderno deveria ser uma espécie de Diário pessoal, escrito livremente e compartilhado com os pesquisadores, se assim os internos o quisessem. Foram realizadas cinco oficinas no intervalo de meados de junho a meados de julho.

A experiência com o Cine Clube na Missão Vida foi especialmente singular para todos nós! Perceber como a arte pode resgatar a autoestima e a cidadania, contribuindo para a humanização dos internos foi algo muito impactante e prazeroso para todos os argonautas (como passamos a nos chamar).

Nas demais oficinas, trabalhamos com criações artísticas: autorretratos, bricolagem ao estilo Mondrian e criações de Grafite, a arte das ruas. Apresentamos inicialmente trechos do *Diário de Anne Frank*, personagem judia citada no filme assistido. Promovemos uma discussão sobre as dificuldades da escrita pessoal. Os internos expuseram suas próprias dificuldades e compartilharam as primeiras impressões de produzir esse Diário. Assim, ao longo das demais oficinas, íamos sempre nos reportando à escrita dos Diários.

Com os autorretratos, levamos produções de Picasso, Frida Kahlo e Van Gogh, na pintura; e ainda autorretratos em poesia, Manuel Bandeira e Manoel de Barros. Com o material de lápis de cores, tintas e papéis A-4, os internos produziram seus autorretratos. Foi muito interessante verificar a sensibilidade e percepção da carga emocional dessas produções, em que os internos buscavam captar suas próprias visões de si mesmos. Percebemos, entre

eles, muitos desenhos até mesmo “infantis”, com elevado apelo emocional, na busca da autoaceitação e da aceitação das pessoas, sobretudo da família.

Certamente, a educação do olhar, enquanto emancipação, encontra seu ponto fulcral na discussão das imagens que fazem parte do cotidiano desses internos e da reconstrução da memória por meio destas. Diante disso, Pillar (2014) observa que ver é dar significado; e esse significado se constrói a partir das relações que estabelecemos entre nossas experiências e o que estamos vendo. Neste sentido, é importante uma educação estética que promova o aperfeiçoamento do olhar, mediante o grande fluxo de imagens que invadem nossas memórias no cotidiano.

O trabalho criativo de bricolagem nas oficinas com a pintura de Mondrian e o Grafite como arte de rua foi muito bem aceito pelos internos, que dispuseram de diferentes materiais para produzirem seus trabalhos (recortes de papel de diferentes cores, serragem, cordões, gliter, etc) em papel A-3. Eles apreenderam muito bem a proposta criativa da arte abstrata de Mondrian e produziram trabalhos autênticos, de grande sensibilidade artística. Pudemos perceber que a arte é acessível a todos os públicos e que não há barreiras para se construir um trabalho pedagógico significativo para os fruidores, desde que este seja capaz de criar um elo de identificação entre o artista e o fruidor da arte.

Diante dessa experiência, pudemos constatar, como problematiza Morin (2008), que as novas concepções epistemológicas demandam a passagem, iminente e necessária, do pensamento dualista cartesiano (o paradigma da simplicidade) ao pensamento complexo, que admite o caráter multidimensional de qualquer realidade (o paradigma da complexidade). Nesses termos, defende, ainda, Morin (2008, p. 9): “Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores do pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais [...]. Assim, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional”. E é nesse estatuto sociocultural multi/controverso que o educador se encontra, desafiado pelo papel fundamental que ocupa na formação do sujeito complexo contemporâneo, com o fim de capacitá-lo a exercer sua cidadania com responsabilidade social e comprometimento ético, sem esquecer se das prerrogativas da autonomia e da identidade. Ressaltamos, ainda, a necessidade de possibilitar o diálogo interdisciplinar entre as diversas áreas do saber e as diferentes dimensões do humano, tendo em vista as suas necessidades físicas, materiais, intelectuais, afetivas e espirituais. E é isso que pudemos realizar pedagogicamente nas oficinas da Missão Vida.

Por fim, as oficinas do Centro de Triagem da Missão Vida foram encerradas com um belo Sarau Literário, no qual os argonautas declamaram poemas, apresentaram músicas e os internos tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos. Foi um momento festivo em que todos comemoraram os frutos desse trabalho nas vidas de cada pessoa envolvida.

Conclusão

Ao fechar o ciclo de nossas reflexões, é possível inferir que, com o advento da Cibercultura, os percursos do leitor do livro - impresso ou digital - e da leitura foram se configurando em vivências interativas que permitiram aos indivíduos se agregarem, a partir de interesses diversos, e se expressarem simultaneamente, de forma sincrônica e anacrônica, na construção de novas modalidades de texto e de experiências singulares de escrita e de leitura.

Constatamos também que o avanço tecnológico é decorrente de transformações sociais, já que a própria complexidade da vida moderna impõe como desafio aos leitores um defrontar-se com inúmeros gêneros textuais, linguagens verbais e não verbais. A rigor, os processos da leitura e da escrita, em suas diferentes materialidades, lançam como desafio um revisitar permanente da relação leitor e texto, numa realidade que cada vez mais se desterritorializa e se torna fluida.

Assim também, a multiplicidade de sentidos gerada pela mudança do livro, do impresso ao digital, não é mais decorrente de um registro pronto e acabado, “ofertado” ao leitor, uma vez que este participa da dinâmica de construção do texto e intervém no cenário que fomenta outros sentidos, tornando público esse texto que se elabora a inúmeras mãos, inclusive desconhecidas. São leitores-autores “anônimos” que, diferentemente dos autores tradicionais, rompem com a delimitação do público e do privado, e assumem funções sociais antes prescritas e delimitadas.

Diante dessas reflexões sobre o ato de leitura e escrita, em práticas sociais de letramento, na sala de aula e no ciberespaço, é preciso admitir certa “transitoriedade” do papel do leitor, assim como da materialidade o texto, acentuada pela experiência da escrita digital, como se pôde demonstrar nesta pesquisa. E o professor que atua na escola nessas circunstâncias, precisa ficar atento aos sinais evidentes de transformação do próprio “ato de escrita”. O que demanda um trabalho mais específico de mediação pedagógica, incluindo os diferentes usos das tecnologias digitais.

Como pudemos demonstrar nessas reflexões, o trabalho criativo com a arte e a literatura, pelo uso de recursos das tecnologias digitais, como a convergência de mídias e a interatividade, é fundamental para a formação do leitor/fruidor, no sentido de instrumentalizá-lo para as diversas práticas sociais de leitura e escrita da Cibercultura contemporânea.

Com efeito, entendemos que é papel fundamental do pesquisador da literatura e das artes, bem como do professor, não somente buscar compreender os aspectos implicados na produção e recepção da (ciber)literatura e das criações artísticas e/ou digitais, no âmbito das práticas de letramento, como também promover experiências de leitura que possibilitem ao educando novas vivências na apreensão do fenômeno literário, mediado pela interação de linguagens e convergência de mídias, especialmente no caso da poesia, que é nosso objeto estudo.

É assim que se nos impõe um maior tempo de análise, de reflexão sobre as contribuições do ensino de literatura e das artes na formação das novas gerações, a fim de garantir a elas o direito à educação estética, à conscientização de sua autonomia enquanto sujeitos, numa nova perspectiva de individualidade, de conquista da liberdade no ambiente de consumo e da tentativa de retorno ao sentimento de pertencimento à Humanidade, que é o que nos identifica e diferencia.

Referências

BARBOSA, Pedro. *Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade. Cibertextualidades*, v.1, Porto, Pt. 2006. ISSN: 1646-4435.

_____. *A Ciberliteratura: criação literária e computador*. Lisboa: Cosmos, 1996.

_____. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador, *Revista da UFP*, n. 2, v. 1, pp. 181-188, maio de 1998. Disponível em: <http://pedrobarbosa.net/artgonline.htm>. Acesso em: 15 de agosto de 2016.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. *A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação* (Mestrado em Ciências da Engenharia de Sistemas e Computação). Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PELLANDA, Eduardo Campos. *Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento*. Belo Horizonte, INTERCOM, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (org.) *A educação do Olhar*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

PRENSKY, M.. **Nativos digitais, imigrantes digitais.** Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza, NCB University Press, v. 9, n. 5. out. 2001.

Web-referências

<http://www.telepoesis.net/poemario>

<http://www.po-ex.net>

<http://www.ciberpoesia.com.br/>

<http://www.laboratoriumdigital.org>

<http://www.ociocriativo.com.br/meloecastro>

<http://www.pedrobarbosa.net/artigos-online/lgc-artigo.htm>